

ULYSSES: UMA LEITURA DE MÁRIO DE ANDRADE*

MUNIRA H. MUTRAN **

No decorrer de uma pesquisa sobre a recepção de Joyce no Brasil, a busca de textos em jornais, revistas literárias e compêndios de literatura nos levou a uma descoberta fascinante: na *Marginália Vária* do "Acervo Mário de Andrade" do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, uma interessantíssima crítica sobre o *Ulysses* de James Joyce.

Mário de Andrade leu o *Ulysses* na tradução francesa de Auguste Morel e Stuart Gilbert, inteiramente revista por Valéry Larbaud e pelo autor. Como é sabido, ele foi um crítico notável, e portanto as quatro folhinhas de bloco com suas anotações constituem valiosa contribuição para a fortuna crítica de Joyce. E o que escreveu o autor de *Macunaíma* no dia 19 de agosto de 1930 sobre o *Ulysses*? Acompanhemos seu pensamento. Ele começa por afirmar que o "problema de Ulisses não é propriamente do valor do autor que parece indiscutível, nem da obra..." Mais adiante o escritor brasileiro passa a expor "o problema ou os problemas do Ulisses", numa análise objetiva e isenta de elogios excessivos ou crítica descabida. Vejamos, por exemplo, sua atitude com relação à suposta indecência do livro, descrito pela crítica contemporânea nos Estados Unidos, na França e Inglaterra, e sobretudo na Irlanda, como "literatura da latrina", "estúpida glorificação de mera imundície", "sordidamente pornográfico", "caviar podre", etc. (James Joyce, "The Critical Heritage", Robert Deming, London, Routledge and Kegan Paul, 1970). Após exemplificar com trechos das páginas 75 e 76 da tradução francesa, Mário de Andrade simplesmente descarta o problema da obscenidade:

* Publicado originalmente em "Estado de São Paulo", em 31/1/82.
** Professora de Literatura Inglesa na Universidade de São Paulo.

Ilha do Desterro, 2º semestre de 1984, p. 47 a 50

"Aí como em todas as outras partes socialmente consideradas nojentas ou imorais do livro as palavras sô chegam à meia-verdade, que por mais desbocada nem por isso deixa de ser meia-verdade... O primeiro problema faz a gente cair no terrível mar do bom gosto e do mau gosto, coisa que muda com as épocas".

No entanto, Mário de Andrade está muito mais preocupado com a expressão do realismo na arte e nas diversas facetas desse problema:

"A primeira impressão que se tem é que Joyce não teve medidas de espécie alguma e o que teve de dizer disse (...) Essa impressão vem de que ninguém até agora teve a coragem de dizer o que Joyce disse. Porém a verdade verdadeira é, não sei si terrível, mas profundamente humana é que Joyce não disse tudo".

Não disse? Segundo Louis Cazamian, "pela primeira vez o artista nos diz tudo, tranqüilamente"; Arnold Bennett acredita que "para Joyce nenhuma palavra é proibida. Ele diz tudo — tudo". Mas voltemos às reflexões sobre o realismo:

"... se o problema do realismo em arte atinge com Ulisses uma intensidade mais violenta nem por isso Joyce o resolveu. Pelo contrário não adiantou nem um passo. Quem quer que analise as páginas em que ele diz coisas "que não se diz" chegará a esta conclusão, depreciativa porventura pro gênero humano, porém incontestável: Joyce teve meas medidas (...) Ora se a arte permite dizer tudo e continuar artística, então temos de dizer tudo. Se ela arrisca de se desartisticar com a expressão da verdade total, então o problema será sempre o mesmo e as verdades de Joyce não vão além das coragens de Shakespeare e Vitor Hugo. Joyce não resolveu o problema, biolentou-o. E ficamos na mesma".

Quanto à psicologia das personagens, Mário de Andrade acredita que elas são apresentadas principalmente pelo "solilóquio interior" (expressão usada por ele) "com acuidade e um pormenor não atingido antes". Mas logo em seguida surge a pergunta:

"Trouxe ele com isso uma solução, uma verdade nova? Artisticamente me parece que não. Joyce não adianta um passo sobre mne. de La Fayette. Pelo contrário, atrasou sobre ela.

Porque com ele, e também com Proust, embora menos, as personagens confundem-se. Perdem aqueles traços mais incisivos, por assim dizer exteriores, que formam o caráter dum ser psicológico, porque esses traços são na análise sem planos, como é especialmente a de Joyce, de igual importância e intensidade que os outros, os que nós temos de toda gente em nós. Ora se os heróis de Shakespeare a Molière, pela gigantização de seus caracteres típicos perdem como realidade humana, nem por isso eles deixam de ser profundamente humanos, perdendo em realismo humano o que ganham como valores morais".

Seria Hamlet menos humano do que Bloom porque a caracterização de Shakespeare é diferente da de Joyce? E nosso crítico retorna à questão da arte e verdade, agora ligada à construção da personagem:

"Ora como a arte não será jamais esteticamente uma realização da verdade (pois que então se confundiria com esta), mas justamente uma evasão dela em proveito das partes espirituais do ser, sejam estas quais forem, está claro que a fixação de valores morais, como os heróis à antiga (...) menos realistas porém mais reais como as personagens à mme de La Fayette, à Maupassant, à Machado de Assis, são mais artísticas e ao mesmo tempo são mais profundamente humanos".

E por que seriam mais artísticas e mais humanas as personagens de Maupassant ou de Machado de Assis?

"Mais artísticas por não se dispersarem na realidade fugitiva e vaga. Mais profundamente humanas pela utilização de planos que destaquem os seus caracteres humanamente essenciais. Não é a vida que é propriamente vital, mas o destino que realizamos. Não é o animal homem que é propriamente humano, mas aquela parte de nós que nos faz ser distintos do cavalo, da borboleta e da inteligentíssima aranha de Wells."

O último ponto tratado por Mário de Andrade refere-se à "literaticidade do texto". Escreve ele:

"O livro é, sem negar que seja interessantíssimo, dum profunda literaticidade. A primeira e mais cabal razão é que como os

movimentos de reação, de associação (em geral), de reflexos fisiológicos são insondáveis, a gente não podendo determiná-los nos outros, senão em si mesmo, segue-se que o livro não passa de tudo isso em Joyce, e não nas personagens dele."

Finalmente conclui Mário de Andrade que da exagerada literatice do livro decorre "uma falta de vida profunda, de vida comovida, de vida besta, de Vida (...).

Está aí, pois, grande parte do que Mário de Andrade escreveu sobre o *Ulysses*. As citações foram necessariamente longas e numerosas visto que um dos objetivos deste artigo é divulgar o pensamento do crítico brasileiro. Este texto levanta problemas próprios não só do *Ulysses*, mas de toda a literatura escrita após 1922 que, voluntária ou involuntariamente, sofreu o impacto da obra de Joyce. T.S. Eliot foi um dos primeiros a constatar que o *Ulysses* é o mais importante meio de expressão de nossa era. Para ele todos nós devemos muito àquele romance; dele nenhum de nós pode escapar.

É bem verdade que a crítica a partir de 1930 enveredou por inúmeros e diferentes caminhos. Certamente seria irrelevante, por exemplo, nos dias de hoje, e sessenta anos após a publicação do romance, discutir se ele é obsceno ou não. Mas na década de vinte foi esse o alvo mais visado pelos críticos. Muitos aspectos do livro foram esquecidos e outros, muitos outros, inexplorados antes, trouxeram uma nova visão da grandeza e da complexidade da obra de Joyce. Se as idéias dos contemporâneos parecem estar em conflito, são também instigantes. Pelo menos era isso que Joyce desejava: quanto mais polêmica a obra, maior o interesse do público, e assim estaria assegurada sua imortalidade.

Apesar das novas tendências da crítica, persiste o fato de que os pontos levantados por Mário de Andrade são muito significativos; além disso, a recepção de um autor por seus contemporâneos tem grande valor para o estudioso de literatura; por esses motivos, as reflexões de Mário de Andrade merecem um espaço entre os diários, resenhas, cartas, artigos e toda a marginália sobre o *Ulysses*.